



Universidade Federal  
de Ouro Preto



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE FILOSOFIA, ARTES E CULTURA  
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS**

**Yvida Rayanne Araújo Siqueira**

**ENSINO DE ARTE, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO: REFLEXÕES DECOLONIAIS  
A PARTIR DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO FORMAL**

**OURO PRETO**

**2026**

**Yvida Rayanne Araújo Siqueira**

**ENSINO DE ARTE, MEMÓRIA E PERTENCIMENTO: REFLEXÕES DECOLONIAIS  
A PARTIR DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NA EDUCAÇÃO FORMAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Artes Cênicas – Licenciatura da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Artes Cênicas.

Orientador: Dr. Paulo Cardoso Maciel

Coorientador: Dr. Acevesmoreno Flores

Piegaz

**OURO PRETO**

**2026**

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

S618e Siqueira, Yvida Rayanne Araújo.  
Ensino de arte, memória e pertencimento [manuscrito]: reflexões  
decoloniais a partir da produção audiovisual na educação formal. / Yvida  
Rayanne Araújo Siqueira. - 2026.  
25 f.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Cardoso Maciel.

Coorientador: Prof. Dr. Acevesmoreno Flores Piegaz.

Produção Científica (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro  
Preto. Instituto de Filosofia, Artes e Cultura. Graduação em Artes Cênicas

1. Arte. 2. Educação. 3. Memória. 4. Educação decolonial. I. Maciel,  
Paulo Cardoso. II. Piegaz, Acevesmoreno Flores. III. Universidade Federal  
de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 7:37

Bibliotecário(a) Responsável: Renata Mara de Almeida - CRB-7: 6328



## FOLHA DE APROVAÇÃO

Yvida Rayanne Araújo Siqueira

Ensino de arte, memória e pertencimento: reflexões decoloniais a partir da produção audiovisual na educação formal

Monografia apresentada ao Curso de Artes Cênicas - Licenciatura da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de licenciada

Aprovada em 24 de fevereiro de 2026

### Membros da banca

Pr. Dr. Paulo Marcos Cardoso Maciel - Orientador(a) Universidade Federal de Ouro Preto  
Pr. Dr. Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi - Universidade Federal de Ouro Preto  
Profa. Ms. Letícia Gouvêa Issene - Escola Estadual Professora Daura de Carvalho Neto

Pr. Dr. Paulo Marcos Cardoso Maciel, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 13/03/2026



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Marcos Cardoso Maciel, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/03/2026, às 21:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1075230** e o código CRC **BOFDCFD0**.

*Um rio não deixa de ser um rio quando ele  
conflui com outro. Ele continua em sua  
essência. Essa é a grandeza da  
confluência.  
(Nego Bispo)*

## RESUMO

O presente artigo propõe investigar práticas pedagógicas em arte/educação experimentadas na produção de um documentário com discentes do Ensino Fundamental II – anos finais do sexto ao nono ano do período integral – na Escola Estadual “Professora Daura de Carvalho Neto”, localizada no distrito de Antônio Pereira, Ouro Preto - Minas Gerais. Trata-se de analisar as ações pedagógicas empreendidas ao longo do processo de criação audiovisual com o objetivo de compreender, por sua vez, de que modo problematizam algumas narrativas coloniais presentes na história do distrito ou, melhor, até que ponto elas podem ser identificadas ou descritas como decoloniais. A proposta é a de refletir até que ponto o processo da produção audiovisual pode ser visto como uma prática pedagógica decolonial e um recurso potente para a problematização das narrativas coloniais, bem como evidenciar caminhos formativos no ensino de Arte.

**Palavras-chave:** Memória; Arte/educação; Identidade; Pertencimento; Educação Decolonial.

## **ABSTRACT**

### **Art education, memory, and belonging: decolonial reflections based on audiovisual production in formal education.**

This article proposes to investigate pedagogical practices in art/education experienced in the production of a documentary with students from the final years of elementary school (6th and 7th grade) in the full-time program at the "Professora Daura de Carvalho Neto" State School, located in the district of Antônio Pereira, Ouro Preto, Minas Gerais. It analyzes the pedagogical actions undertaken throughout the audiovisual creation process in order to understand how they problematize certain colonial narratives present in the district's history, or, better yet, to what extent they can be identified or described as decolonial. The proposal is to reflect on the extent to which the audiovisual production process can be seen as a decolonial pedagogical practice and a powerful resource for problematizing colonial narratives, as well as to highlight formative pathways in art education.

**Keywords:** Memory; Art/education; Identity; Belonging; Decolonial Education

## Introdução

Este estudo nasce da necessidade de analisar as práticas pedagógicas que conduziram o processo de produção audiovisual enquanto um dispositivo problematizador das narrativas lidas como oficiais do distrito de Antônio Pereira. Buscamos aqui expor práticas pedagógicas vivenciadas na produção de um documentário com as turmas do Ensino Fundamental II – anos finais do sexto ao nono ano do período integral – na Escola Estadual “Professora Daura de Carvalho Neto”, localizada no distrito de Antônio Pereira, Ouro Preto (MG). Tais práticas estão relacionadas à minha trajetória pessoal como estagiária e bolsista do Programa de Iniciação à Docência - PIBID ARTES<sup>1</sup> em conjunto aos bolsistas Gustavo Silva, Alisson Iago e Bárbara Fonseca sob a supervisão da Mestre Leticia Issene e a coordenação dos Doutores Aceves Moreno e Marcelo Rocco. Tal processo foi parte da formação no curso de Licenciatura em Artes Cênicas do Departamento de Artes (DEART), do Instituto de Filosofia e Arte (IFAC) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

A elaboração do documentário para os discentes do Ensino Fundamental II neste contexto, teve por objetivo registrar a relação das(os) moradoras(es) locais com Maria de Carvalho Ferreira – mais conhecida como “Dona Dunga” –, mulher referência no distrito de Antônio Pereira por suas articulações em diversas mobilizações para a melhoria da comunidade, suas interações com as mineradoras, além de sua relação com as histórias do distrito e suas vivências ao frequentar a Festa da Lapa, considerada patrimônio imaterial do distrito junto à Gruta da Lapa e Igreja da Queimada.

A pesquisa teve por objetivo levantar, organizar e refletir sobre as ações pedagógicas empreendidas ao longo do processo de criação audiovisual, a fim de perceber até que ponto problematizam algumas narrativas coloniais presentes na

---

<sup>1</sup>O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa que integra a Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação e tem por finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira. URL de referência:

<<https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibi>>

história do distrito e em que medida podem ser identificadas ou caracterizadas como decoloniais. Para elucidar os objetivos informados, a elaboração do presente artigo compreendeu três momentos ou etapas de investigação, sendo elas: 1. O primeiro momento foi o da pesquisa bibliográfica de interesse do estudo, especialmente a bibliografia relativa à história do distrito e aos temas de memória e pertencimento a partir de uma perspectiva decolonial encontrada no campo da arte, educação e da teoria; 2. O segundo momento foi o da pesquisa documental voltada à reunião, processamento e análise de materiais relativos à experiência pessoal enquanto estagiária do Programa de Iniciação à Docência - PIBID com a produção audiovisual e, também, o material disponível sobre as histórias oficiais do distrito; e por fim, 3. O terceiro momento foi o do cruzamento das informações colhidas nas duas etapas anteriores e a análise de todo material com vistas à escrita do artigo. Dessa forma, a análise das informações colhidas na pesquisa pretende mostrar até que ponto o processo da produção audiovisual pode ser visto como uma prática pedagógica decolonial e um recurso potente para a problematização das narrativas coloniais ao evidenciar caminhos formativos no ensino de Arte.

Por meio desses conceitos, propõe-se compreender como a experiência vivenciada na produção audiovisual contribuiu para o questionamento da memória e pertencimento engendrados no distrito. Por outro lado, é preciso ressaltar que o ponto de vista “decolonial” proposto aqui se desenvolveu ao longo da minha trajetória acadêmica como discente da licenciatura em artes cênicas da UFOP. Ao adentrar no Projeto de Iniciação à Docência (PIBID ARTES) foi desenvolvido práticas pedagógicas que consistiram na produção do documentário, algo que, por sua vez, passou a atuar enquanto um dispositivo crítico das narrativas tidas como oficiais consultadas. Nesse contexto, a proposta pedagógica de produção audiovisual apresentou-se como uma potente intervenção responsável por descortinar e questionar as bases históricas que sustentam a memória do distrito de Antônio Pereira. O documentário proposto foi entendido enquanto um recurso problematizador de narrativas coloniais ao articular memória e pertencimento a partir de um horizonte decolonial dessa experiência.

### ***Em torno do discurso decolonial***

A partir do estudo dos autores Aníbal Quijano (2005), Silvia Cusicanqui (2021), Grada Kilomba (2019) e Malcom Ferdinand (2022), que tensionam as estruturas coloniais – uma vez que partem da compreensão de que tanto memória quanto narrativas não são neutras –, a perspectiva de análise surgiu. Nesse sentido, o conceito de colonialidade do poder formulado por Aníbal Quijano (2005), nos contempla e convida à reflexão sobre as estruturas históricas de dominação, que mesmo com o fim formal do colonialismo se mantêm vivas. A colonialidade do poder pode ser vista como uma versão contemporânea do colonialismo que emerge da relação direta entre capitalismo, eurocentrismo, racismo e modernidade.

Nesse contexto, a comunidade, um território atravessado pela presença da mineração, segue essa mesma estrutura. Nessa perspectiva, o distrito se mantém refém do discurso e da lógica capitalista de progresso legitimada pela promessa de desenvolvimento. Um dos modos de manter essas estruturas de poder é o apagamento brutal da memória ancestral dos moradores e a implementação de uma ordem hegemônica. Dessa forma, o que acontece na comunidade não é um caso isolado, mas sim resulta da reprodução mundial e atual da colonialidade no Brasil.

Pelo fato da colonialidade se entrelaçar com a modernização, não se há o hábito de criticá-la. Nesse sentido, a modernização, a colonialidade e o capitalismo não operam isoladamente, mas sim, são estruturados a partir da lógica da exploração e da desumanização dos corpos e territórios “lidos” como subalternos. Da mesma forma, no que tange à dimensão de poder, a colonialidade opera na racialidade da população do distrito que, em sua maioria, é formada por pessoas pretas e que possuem baixo poder aquisitivo, além de uma presença significativa de descendentes dos povos originários.

Para Quijano (2005) a ideia de raça nada mais é que uma construção social na qual os povos indígenas e os africanos (que foram colonizados) permanecem na base da pirâmide, enquanto europeus (colonizadores) permanecem no topo. Nos livros didáticos que se referem à história do distrito, e que estão disponíveis na biblioteca municipal de Ouro Preto, é contada segundo a narrativa mais tradicional da formação do estado de Minas Gerais que, ignorando a importância da presença originária na região, parte do heroísmo dos bandeirantes que, paulistanos, teriam “desbravado” à região e dominado o território em nome da “civilização e do

progresso”, neste sentido elas estão ancoradas na excelência individual e na negação dos seres diferentes dos descendentes de europeus nas Américas, sobretudo após as independências e os processos de construção nacional. Conforme enfatiza Quijano (2005):

Um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo (QUIJANO, 2005, p.117).

Dessa forma, enfatiza-se como a colonialidade é internalizada nas estruturas sociais e se manifesta de diversas formas, inclusive através dos discursos que se apresentam como decoloniais e que operam de forma esvaziada e, por consequência, trivializam pautas. Assim como adverte Silvia Rivera Cusicanqui (2021):

[...] quando Aníbal Quijano falava sobre os movimentos e levantes do campesinato andino como "pré-políticos - em um texto que oportunamente critiquei - eu estava escrevendo *Oprimidos pero no vencidos*, uma leitura radicalmente divergente do significado e da pertinência das mobilizações indígenas nos andes para as lutas do presente (CUSICANQUI, 2021, p.93).

É importante considerar as divergências teóricas no campo da decolonialidade, entretanto, um aspecto notório é a reprodução de um padrão estabelecido pela colonialidade segundo o qual sujeitos historicamente subalternizados são concebidos como destituídos de consciência de sua própria história; sendo assim, o apagamento étnico racial certamente possui o viés de manter as estruturas de poder nas mãos dos descendentes dos colonizadores e dos que a eles se associam. Assim como salienta Grada Kilomba (2019):

Que alienação, ser-se forçada(o) a identificar-se com os heróis, que aparecem como *brancos*, e a rejeitar os inimigos que aparecem como *negros*. Que decepção, ser-se forçada(o) a olhar para nós mesmas(os) como se estivéssemos no lugar delas(es). Que dor estar presa(o) nessa ordem colonial (KILOMBA, 2019, p.39).

Uma das formas mais nocivas do capitalismo moderno é a mineração que, enquanto modo encarnado da colonialidade em Minas Gerais, nos leva ao modelo extrativista mundial de ocupação da terra e da negação de seu pertencimento, ou de suas riquezas, às comunidades indígenas da região, situação parecida a realidade vivenciada no distrito de Antônio Pereira, pois, nele, é perceptível o poder da mineração como uma forma de exploração vergonhosa da terra e de suas gentes,

transformadas em mão de obra barata e em vida substituível, dadas as experiências recentes com os crimes cometidos por algumas empresas. Nesse sentido, a indústria extrativa se adentra nas entrelinhas e transforma as estruturas da comunidade, deixando-as abaladas como mostra o comercial da multinacional “Vale” do ano de 2024 intitulado *“Transformar o amanhã hoje. Tem a ver com a vale”*<sup>2</sup> ao expor o quão internalizada a multinacional está no cotidiano da população. Vende-se, então, uma ideia de que o setor de mineração é um ser onipresente, uma vez que os minérios estão presentes em tudo, inclusive na lama que soterra e destrói territórios. Tal comercial constrói no imaginário do público a ideia de que sem a mineração, o mundo não funciona; e que todas as pessoas são contempladas com o progresso proporcionados pelas multinacionais. Mas esse progresso chega para quem exatamente? A comunidade sofre constantemente com a violência da expropriação dos recursos naturais do distrito, além de não serem valorizados e indenizados de forma justa, o ônus é totalmente da população.

A mineração age de forma que se apropria dos recursos do distrito e tal ação convida a refletir até que ponto uma comunidade que envolve tal diversidade de seres vivos irá suportar sua presença. Assim como ressalta Malcom Ferdinand (2022): “Essa dupla fratura apaga as continuidades em que humanos e não humanos foram confundidos como “recursos” que alimentavam um mesmo projeto colonial, uma mesma concepção da Terra e do mundo” (FERDINAND, 2022, p.47).

Nesse sentido, se gesta uma narrativa da exploração mineral como um bem coletivo reproduzindo, em suas imagens, os mesmos valores que visavam assegurar sentido à ação colonial como empresa necessária, pois, civilizadora e ou modernizadora da vida local. Tal crença se torna verdade no cotidiano de um povo que é encurralado ao se lhe negar outras formas de se ganhar a vida – como é observado na população PereireNSE, que em sua maioria trabalha em mineradoras.

Enquanto dispositivo cênico alegórico crítico da colonialização, a obra *O Bailado do Deus Morto*, peça de Flávio de Carvalho escrita em 1933, retrata o surgimento de um deus animal além de descrever detalhadamente suas emoções e aspectos da criatura mítica. No Ato II, a peça se desdobra a partir da morte desse deus e, sem pestanejar, os demais personagens que o adoram extraem cada parte do seu corpo para produzir objetos que os beneficiará. Esse ato emerge como lente

---

<sup>2</sup>URL do comercial referenciado: <<https://youtu.be/Gdzoe05p6cU?si=psew2pR6BUGITuKY>>. Acesso em 29 Dez 2025.

crítica da colonialidade contemporânea para pensarmos a relação da mineração com os recursos naturais do distrito de Antônio Pereira. Multinacionais como a “Vale” adentram nas comunidades com um discurso romântico de advento de progresso e com o enaltecimento e benefícios para os moradores, mas aos poucos colocam suas garras e exploram cada metro quadrado de diversas comunidades, como o distrito de Antônio Pereira, e dão uma devolutiva mínima para aquele espaço.

À luz dessas considerações, torna-se fundamental compreender que a ação pedagógica emerge enquanto um dispositivo problematizador das narrativas entendidas como oficiais no distrito de Antônio Pereira. Nesse sentido, não basta apenas compreender como a colonialidade opera na comunidade, mas sim exige ação. A prática pedagógica, como a produção do documentário, tensiona a história oficial, enquanto o discurso da mineração a defende de forma velada. A partir dessa perspectiva, é necessário enfatizar a importância do percurso formativo da produção audiovisual que surge enquanto dispositivo potente para o desvio do foco convencional do produto final. Essas questões têm sido também reverberadas e trabalhadas no campo da arte e da educação e é sob esse viés que será apresentado o relato que configura uma descrição detalhada das vivências experienciadas na Escola Estadual “Professora Daura de Carvalho Neto”.

### ***Reflexões artístico-pedagógicas***

O Programa de Iniciação à Docência (PIBID) surgiu em 2007 como uma política de formação de professores e foi criado com o objetivo de inserir estudantes da licenciatura em contextos escolares para ampliar o diálogo dos universitários com a realidade das escolas de educação básica, além de aperfeiçoar a formação dos discentes do curso de licenciatura. Dentro do projeto existem subprojetos e o PIBID ARTES contempla a vivência da presente pesquisadora enquanto estudante de licenciatura de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP<sup>3</sup>. Sob essa perspectiva, o programa se configura como um espaço de formação que possibilita ao licenciando uma leitura do mundo escolar na prática, o que dialoga

---

<sup>3</sup>Para informações detalhadas sobre o projeto, acesse a URL: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/educacao-basica/pibid/pibid>>.

com o que Paulo Freire (1989, p.9) afirma: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Por conseguinte, o projeto foi iniciado no ano de 2024 e na reunião de distribuição dos locais nos quais os discentes atuariam como estagiários, foi designado a Escola Estadual “Professora Daura de Carvalho Neto”, localizada no distrito de Antônio Pereira de Ouro Preto, Minas Gerais. Atuar na escola exige perceber que a instituição, assim como salienta Nego Bispo (2015), está inserida em um território vivo e circular, no qual o saber é elaborado a partir das experiências vividas e das relações entre os sujeitos.

Para guiar um melhor entendimento das atividades realizadas nas respectivas turmas supracitadas, este artigo traz uma seção organizada que sistematiza as dinâmicas desenvolvidas com detalhes acerca dos dias vivenciados, além de confluir com os autores referidos.

A princípio, este relato emerge do projeto proposto pela professora supervisora Letícia Issene, adepta de uma metodologia de trabalho que envolve o desenvolvimento de projetos extensos, e a criação de um documentário sobre o distrito de Antônio Pereira, enquadra nessa metodologia. Os bolsistas presentes incluíam Gustavo Silva, Alisson Iago e Bárbara Cabral que concordaram em desenvolver esse projeto. Nesse sentido as duplas de estagiários se tornaram um quarteto, uma vez que estagiavam mesmo dia (sexta-feira) durante o turno vespertino.

Dessa maneira, a cena que marca o início desse processo é nossa reunião de planejamento, realizada no dia 15 de agosto de 2024, na residência da professora supervisora. Naquele momento, o objetivo principal era a elaboração do planejamento audiovisual voltado para o contexto escolar. Sendo assim, assistimos a alguns fragmentos de documentários que já foram produzidos no distrito e a partir das sugestões levantadas pela professora Letícia, foi decidido que o eixo central do documentário seria a relação das(os) entrevistadas(os) com Maria de Carvalho Ferreira, mais conhecida como “Dona Dunga”, personagem referência do distrito de Antônio Pereira por suas articulações políticas para a melhoria em comunidade.

O fato de trazer Dona Dunga para o centro da narrativa emergiu como um ato político – dado que esta escolha evidencia uma liderança feminina local –, além de configurar um exercício potente que busca transformar as pessoas da comunidade em sujeitos da própria história. Tal gesto subverte a lógica colonial que

históricamente apaga e silencia determinados corpos, como aponta Grada Kilomba (2019).

Além da figura de Dona Dunga, o esboço inicial do roteiro contemplava a paisagem local e, ainda, outros elementos que formam a memória e o patrimônio do distrito como: a Gruta da Lapa, Festa da Lapa, Igreja da Queimada, e a relação das(os) entrevistadas(os) com o garimpo e mineração, atividades que são configuradas como a base econômica local. Além do mais, foi pautada a possibilidade da exibição do material audiovisual na 1º Feira Cultural Unificada de Antônio Pereira. Esse encontro, mais que um planejamento pedagógico, revelou dimensões cruciais sobre memória, identidade e pertencimento, algo que atravessa o processo formativo enquanto arte/educadores.

Para compreender a materialidade dessas memórias, é preciso retroceder brevemente ao dia 13 de junho de 2025, quando houve uma excursão curricular na Gruta da Lapa, ponto turístico do distrito, com o objetivo de entender melhor sobre a história local. A entrada na gruta foi guiada pelos estudantes, pois, ao frequentar diversas vezes, conheciam o local.

Na entrada da gruta, há uma capela modernizada com algumas imagens laterais de anjos feitas em gesso e no centro temos a estátua de Nossa Senhora da Conceição da Lapa. Santa de devoção da comunidade que, dada sua importância como ponto de referência da vida coletiva, expressa historicamente alguns dos passos outrora dados pela colonização do território, ainda ocupado por descendentes indígenas, como por exemplo, a sua cristianização por meio de símbolos até hoje presentes nas celebrações religiosas da igreja católica que acontecem com frequência no calendário da comunidade. Neste sentido, a devoção popular redefine o processo de conquista e acaba transformando a crença imposta em força de resistência no cotidiano da vida em comunidade.

Mais adiante, em uma das rochas, que sustentam a gruta, há uma mancha que muitas pessoas identificam como a silhueta de uma santa. Esse local é preservado como um quadro vivo da sua (mágica) presença. Nesse mesmo local, há uma mina de água que escorre sobre essa pigmentação natural e, por essa razão, diversos fiéis acreditam ser sagrada e se benzem com ela. Sob essa ótica, enquanto a capela representa a institucionalização da fé, existe a insistência do povo em buscar, seja na água ou na mancha, a materialização do sagrado. Tal prática nos

convida a refletir sobre a ruptura da abstração civilizatória<sup>4</sup> que, de acordo com Ailton Krenak (2019), impõe uma narrativa que visa homogeneizar os modos de vida e as culturas em detrimento da diversidade e das relações vivas presentes no território.

No fundo da gruta se pode avistar alguns textos escritos em frente a parede coberta de nomes e de frases escritas se encontra uma mesa repleta de fotografias, cartas, terços, velas em formato de membros. A gruta pode ser encarada como um sítio da memória local e signo da sua transformação por meio da religião imposta convertida em devoção popular milagrosa.

Portanto, enquanto signo da história, a gruta nos revela elementos críticos do processo de conquista da “natureza” local por meio da “evangelização” da região num espaço civilizado, destituindo-o de suas referências originárias e africanas, muitas vezes. Diante do apagamento histórico, tal ação crítica se materializa como desobediência epistêmica – conceito descrito por Walter Mignolo (2008), no qual o sujeito mediante a tal processo de homogeneização se recusa a ser esquecido. Dessa forma, ao observar os nomes cravados na rocha e os objetos depositados no local, nota-se que além de ser um ato de fé, é um espaço que reivindica um lugar de existência; logo, tal ação emerge como uma contranarrativa, onde sujeitos silenciados exigem seu lugar na memória coletiva<sup>5</sup>.

Ao sair do local, nos reunimos do lado de fora da gruta em uma roda de conversa para o compartilhamento de histórias sobre o local. Esse momento foi bem descontraído e marcante, pois diversos estudantes interagiram contando sua versão sobre a origem da gruta<sup>6</sup>. Entre as versões destaco o relato chocante de uma aluna acerca de uma brutalidade que aconteceu com sua tia, estuprada e assassinada e com seu corpo descartado em um matagal próximo a gruta.

---

<sup>4</sup>Termo levantado por Ailton Krenak que diz respeito a um projeto de sociedade que se constrói partindo da ideia de afastamento do ser humano com a natureza. Para mais informações, recomenda-se a leitura de *Ideias para adiar o fim do mundo* do autor.

<sup>5</sup>Conceito desenvolvido por Maurice Halbwachs (HALBWACHS, 1990).

<sup>6</sup>A princípio os adolescentes nos contaram a lenda da gruta da lapa, em que duas crianças caçadoras perseguiram dois coelhos brancos que saíram correndo e desapareceram e quando as crianças seguiram os roedores, se depararam na porta da gruta. Um deles se preparava para atirar quando apareceu um velho monge que pediu perdão aos animaizinhos. O monge convidou os garotos para entrar, deu-lhes mel para tomar e os ensinou a orar. O velho monge pediu para que não contasse a ninguém, mas assim que chegaram em casa as crianças contaram aos seus pais e história se espalhou por toda a comunidade.

O distrito de Antônio Pereira é um local marcado pela mineração e a maioria dos moradores trabalha em mineradoras, o que constitui a principal fonte de renda dos Pereirenses. Em função dessa dinâmica econômica, a comunidade recebe um fluxo constante de moradores externos, muitos deles em condição de instabilidade e precarização. Dessa maneira, tal realidade, associada com a ausência de políticas públicas para receber essas pessoas, contribuiu para os altos índices de violência, abuso, gravidez na adolescência e feminicídios na comunidade. Em contrapartida, instituições como o Centro Cultural de Antônio Pereira trabalham para que estigmas como esse sejam desconstruídos ao incentivar a juventude do distrito a seguir os estudos e consumir arte para assim trazer uma devolutiva positiva para a comunidade.

Dado este contexto, a comunidade passou a ser vista como um local violento, sobretudo contra as mulheres que, geralmente, ocupam o lugar de subalternidade na vida coletiva, conforme comentou Gayatri Chakravorty Spivak:

Ao buscar aprender a falar ao em vez de ouvir ou falar em nome do sujeito historicamente emudecido, da mulher subalterna, o intelectual pós-colonial sistematicamente "desaprende" o privilégio feminino. Essa desaprendizagem sistemática envolve aprender a criticar o discurso pós-colonial com as melhores ferramentas que ele pode proporcionar e não apenas substituindo a figura perdida do(a) colonizado(a) (SPIVAK, 2010, p.88).

No dia 22 de agosto teve início o processo da produção do documentário e, para isso, foi desenvolvida uma aula teórica de duração de 50 minutos sobre a história do distrito de Antônio Pereira. Para melhor guiar o planejamento da aula supracitada, houve a busca de referências bibliográficas sobre a história do distrito na Biblioteca Pública Municipal de Ouro Preto com o objetivo de colher informações a respeito de pessoas que viviam no local antes da invasão do bandeirante Antônio Pereira. Com essas informações, seria possível elaborar um plano de aula para contar a história da comunidade pela perspectiva dos povos que antecederam o bandeirante, além de valorizar as raízes da comunidade e de certa forma desenvolver o senso crítico dos (as) discentes. Essa escolha pedagógica emerge da lógica de recusa de uma narrativa única, sobretudo da valorização de histórias apagadas.

Diante disso, o livro *Ouro Preto: Um Novo Olhar* do historiador Alex Bohrer (2011) nos permitiu formular uma perspectiva crítica do território local que seria

fundada, de acordo com a ideia informada pelo autor, numa outra cosmovisão, porém, ele não cumpre o que promete como podemos perceber o seu estudo repete o enfoque colonializador da formação do distrito de Antônio Pereira permanece reiterado. Evidentemente houve certa decepção ao ler um livro que promete uma narrativa contada por outra perspectiva tanto da cidade quanto dos distritos, mas somente reafirma uma concepção histórica imposta há séculos.

Ao longo da pesquisa também encontramos, na biblioteca pública, um fragmento de jornal intitulado *Ouro Preto: o jornal dos ouro-pretanos* da redatora Christina Társia. Nele consta uma breve história da Gruta da Lapa. Destaco um trecho que chamou atenção: “*Eles parecem grandes quando estamos de joelhos. Levantemo-nos*” (TÁRSIA, 2010). A princípio imaginei que a história da gruta seria contada sob a lente do povo não eurocêntrico, porém não foi isso que aconteceu. Alguns trechos da breve história do jornal surgem intitulados como *A Lapa; Garimpeiros; o Arraial e o Povo; os Devotos; a Gruta; a Lenda; a História; o Mapa da Mina; e a Capela*. Juntos elaboram uma visão do território que exclui o protagonismo dos povos originários ou afro-brasileiros. A partir desta experiência pude perceber a necessidade da criação de uma contranarrativa que pudesse situar criticamente esse material pedagógico encontrado na biblioteca.

Ao retomar à aula teórica, após tais pesquisas, foi desenvolvida uma aula expositiva com o auxílio de slides destinada à contação da história do distrito de Antônio Pereira. Pelo fato de não haver informações a respeito dos povos que ali viviam antes da invasão, foi evidenciado o modo de contar tal história de um ponto de vista crítico ao trocar palavras como “descobriu” por “invadiu”, além de ter sido enfatizado o fato de não haver registros sobre o povo que antecedeu a ocupação colonial do distrito de Antônio Pereira. Foi apresentado também a quantidade de povos originários que habitavam no território brasileiro e, com a invasão, esses povos tiveram seus territórios expropriados. A escolha pedagógica exposta dialoga fortemente com a compreensão de Paulo Freire (2022) ao afirmar que ensinar exige criticidade. Posteriormente, foi feito um apanhado geral sobre quem foi o bandeirante Antônio Pereira: um homem branco português e um dos primeiros a “encontrar” lavras de ouro na região. Segundo relatos históricos, sua presença foi tão importante que o arraial chamado Bonfim do Mato Dentro, para homenageá-lo, acabou recebendo seu nome. Num primeiro momento, o vilarejo chamava-se Arraial

de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Pereira e, com o passar do tempo, o seu nome foi reduzido para, apenas, Antônio Pereira (BOHRER, 2011, p.113).

Dando continuidade à exposição, a aula compreendeu as atividades mineradoras que são desenvolvidas desde essa época, com a invasão do lugar por outros bandeirantes como, por exemplo, Antônio Mateus Leme, Capitão Pompeu Taques e o padre João de Inhaia. Várias minas foram fundadas, como a mina do Mata-Mata, Macacos, Manoel Teixeira, Romão, as fazendas do Barbaçal, Mateus das Moças e da Rocinha (BOHRER, 2011, p.115). Desta maneira, ao lado da colonização das almas pelo cristianismo se reunia a forma colonial de exploração da terra e dos corpos locais pela mineração. Assim, conversamos sobre a Igreja da Queimada, especialmente acerca das diferentes versões contadas pela população sobre como ela ficou em ruínas<sup>7</sup>.

O estudo realizado sobre o distrito de Antônio Pereira convida a refletir sobre como o ato de apropriação do lugar passa pela repetição de uma história contada da perspectiva de quem oprime. Isto posto, o apagamento envolve nossa memória e o sistema se beneficia disso, conforme nos ensina Grada Kilomba (2019, p.11) ao denunciar a glorificação da história colonial através da conversão do colonizador em herói que, pela via engrandecedora de seu engenho particular, privatiza a natureza em seu benefício e dos demais envolvidos no processo de conquista.

No dia 29 de agosto foi preparada uma aula expositiva com o auxílio de slides sobre produção audiovisual.<sup>8</sup> Na sequência se discutiu sobre a importância da

---

<sup>7</sup>Para mais informações sobre como a igreja chegou às ruínas, recomenda-se a leitura do livro *Ouro Preto: Um Novo Olhar* do historiador BOHRER, Alex. *Ouro Preto: um novo olhar*. Editora Scortecci, 2011.

<sup>8</sup>Dessa forma, apresentou-se detalhadamente o funcionamento da produção de um documentário. Inicialmente, foi introduzido aos discentes os fundamentos de uma obra classificada como filme documental, bem como as etapas necessárias para sua realização. O processo foi organizado em cinco tópicos principais, sendo: 1. *pesquisa e definição do tema*, etapa em que se estabelece o que será abordado, como a história da cidade, a cultura local ou a rotina da comunidade; 2. *roteiro*, que envolve a seleção e o planejamento das entrevistas, das cenas e da ordem das falas; 3. *captação*, fase dedicada à gravação das entrevistas, das imagens dos espaços, dos sons e das situações reais; 4. *organização do material gravado*, momento de sistematização dos registros obtidos; e 5. *exibição*, que consiste no compartilhamento do resultado com a comunidade, seja em espaços escolares, festivais ou plataformas digitais. Na sequência, foi apresentado diferentes subgêneros do documentário, com a explicação das características que os distinguem entre si. O documentário expositivo utiliza narração em *off* para apresentar fatos e prioriza a informação, como exemplifica *O Povo Brasileiro*, de Darcy Ribeiro, produzido pelo canal Fundação Leonel Brizola - Alberto Pasqualini. O documentário observativo tem como objetivo registrar o cotidiano sem interferências e busca retratar a realidade tal como se apresenta, a exemplo de *Afazer*, produzido pelo canal Jônatas Limão. O documentário participativo caracteriza-se pela presença ativa de quem produz diante das câmeras, como ocorre em *Território do Brincar – Diálogos com escolas*, do canal Território do Brincar. O documentário reflexivo apresenta um viés crítico, voltado especialmente para o próprio ato de

produção audiovisual enquanto uma potência documental-discursiva cuja estrutura consiste no registro de memórias, valorização da cultura local, informação e educação, expressão artística e estimulação à reflexão crítica. Nesse sentido, o domínio da tecnologia sob a ótica de Vani Kenski (2007) não se resume apenas ao conhecimento técnico, mas se configura em uma forma de (re)fazer a educação.

### **Entrevistas sobre a memória local**

No dia 05 de setembro de 2025 teve início a gravação das entrevistas com os (as) moradores (as) com o auxílio da professora Letícia que selecionou duas mulheres para serem entrevistadas. A primeira convidada foi “Dona” Dalva das Graças Nunes e a segunda entrevistada “Dona” Raimunda Eugênia Alves. A princípio, a proposta da atividade seria a dos próprios adolescentes criarem perguntas para as pessoas a serem entrevistadas, porém, por falta de tempo – uma vez que tínhamos duas aulas com duração de 50 minutos para fazer toda a entrevista –, foi decidido pela intervenção do corpo docente no desenvolvimento das perguntas para que os (as) discentes pudessem fazer a entrevista.

Em resposta à primeira pergunta<sup>9</sup>, Dona Dalva contou que era nativa da região e que seu núcleo familiar nasceu no distrito de Antônio Pereira e ainda, complementou sua apresentação informando ser funcionária da Escola Estadual “Professora Daura de Carvalho Neto”. Por outro lado, em sua apresentação, Dona Raimunda nos contou que mudou para o distrito de Antônio Pereira em 1966. Durante as entrevistas foi possível observar que elas possuíam lembranças afetuosas relacionadas à Festa da Lapa. Festa que possui 303 anos de existência. Raimunda recorda que veio para o distrito prestigiar a celebração e acabou permanecendo até os dias de hoje, já Dona Dalva relata a participação da festa desde quando não existia iluminação no santuário (Gruta da Lapa). Costumava ser

---

filmar, como exemplificado em *Ilha das Flores*, de Jorge Furtado. O documentário poético constrói uma narrativa artística por meio do uso subjetivo de imagens e sons, como em *Rio de Memórias*, de José Inácio Parente. Por fim, o documentário performativo combina elementos de performances artísticas com a narrativa documental, conforme exemplificado em *Mestre Dedinha de Araçoiaba*, produzido pelo canal Kiko Barreto.

<sup>9</sup>A primeira pergunta, na verdade era um convite às entrevistadas para se apresentarem e contar se sempre moraram no distrito. A segunda questiona qual foi a primeira lembrança que as entrevistadas têm da Festa da Lapa. A terceira questiona qual foi ou ainda é o papel da entrevistada e de sua família nesse processo, uma vez que se sabe que na Festa da Lapa possui uma presença muito forte das mulheres na organização. A quarta pergunta questiona o que mudou na Festa da Lapa de antigamente para os dias de hoje, e o que não mudou e permanece como tradição viva. Por fim, questionou-se como as entrevistadas descreveriam a contribuição de Dona Dunga, dado que ela é lembrada como uma figura muito importante para a Festa da Lapa.

um momento ritualístico que envolvia orações e novenas, regadas a muita devoção da população Pereireense. Segundo Dona Dalva, a demonstração da fé do povo é algo bonito de ver, segundo seu testemunho, toda a comunidade se envolvia para reforma das casas para receber seus conterrâneos, além da decoração das ruas para o recebimento da procissão. Nesse sentido, o compartilhamento de tais vivências que unem fé, festa, resistência e organização social, elucida o que Nego Bispo (2015) chama de *saber orgânico* como um saber que, enraizado na experiência, incentiva o processo de confluência e transfluência como um ato contínuo de troca e transformação recíproca.

Quando foi mencionada na entrevista a figura de Dona Dunga, os testemunhos sobre o passado do distrito compreendem uma mistura de fé, reexistência, comunidade, memória e identidade. De acordo com as informações colhidas, sua participação na comunidade se manifestava principalmente na contribuição dos eventos do distrito: Dona Dunga é lembrada como uma líder comunitária. Um episódio marcante mencionado por Dalva diz respeito ao adentramento da mineradora “Vale” que, segundo relatou, chegou com o objetivo de circundar o território da comunidade e despojar a natureza, as cachoeiras, as montanhas, as nascentes para sua propriedade. Dalva se aprofunda nas lembranças de sua juventude, nos momentos em que a mineradora passou a adentrar de forma incisiva na comunidade, e Dona Dunga e seus companheiros foram até o local onde a “Vale” estava com o objetivo de cessar o cercamento que a multinacional estava promovendo. Quando questionada pelos demais moradores sobre o que iriam fazer, Dona Dunga acompanhada de Dona Andira – outra figura importante para comunidade – respondera que iriam até eles para impor respeito. As duas pensaram que caso surgisse algum tipo de violência, os representantes da multinacional não tomariam atitudes violentas contra duas idosas. Ambas foram à luta e conseguiram suspender temporariamente o cercamento; porém, anos mais tarde, a multinacional retomou com suas obras e loteamentos. Outro episódio significativo para a memória do distrito de Antônio Pereira, contado nas entrevistas, foi quando funcionários da “Vale” acusaram moradores locais de defenderem a comunidade armados e, nesta situação, Dona Dunga se afastou para que os homens pudessem tirar suas camisas e mostrar que estavam lutando desarmados.

A atitude de defesa constante do território conversa diretamente com Ailton Krenak (2019) em sua crítica à dicotomia entre o ser humano e a natureza. Para a

lógica colonial da mineração, a água e a terra são recursos a serem cercados; já para Dona Dunga e a comunidade, são elementos essenciais para constituição do distrito, cuja defesa é inegociável para a continuação da vida. Dona Dalva relembra que quando tinha 14 anos locomoveu-se para Conselheiro Lafaiete, a convite de Dona Dunga, para participar de uma conferência de associações. Dunga apresentou Dalva como o futuro do distrito de Antônio Pereira. A reflexão sobre essas narrativas contribuiu para que a juventude do distrito adotasse como referência mulheres como Dunga e Andira, além de desenvolver o compromisso com a luta pela comunidade.

A comunidade de Antônio Pereira possui uma banda de música fundada em 1927 que chegou a ser extinta e, posteriormente, reestruturada contando com o empenho de Dalva que informou na entrevista da participação de seus avós no conjunto musical. De acordo com seu testemunho, foi Dunga quem colocou em evidência a urgência da banda voltar a existir na comunidade, pois é uma peça central para a Festa da Lapa. Em 1999, obteve sucesso surgindo a Banda de Nossa Senhora da Conceição da Lapa que se tornou também uma associação musical. Nas palavras de Dalva ao parafrasear Dona Dunga: “essa banda foi fundada com o objetivo de resgatar a juventude”. As entrevistas mostram como Dona Dunga se tornou símbolo de resistência da comunidade do distrito nas narrativas locais de pertencimento, tanto pela comunidade atual da época, quanto pelo futuro do distrito.

No dia 31 de outubro de 2025 houve a segunda entrevista. A convidada foi Maria das Dores Queiroz e o local escolhido foi o Centro Cultural Margareth Monteiro. A recepção foi feita por Marleth Deusdeth, coordenadora do Centro Cultural, que se fez guia do espaço no qual foi realizada a etapa. Marleth enfatizou em todos os momentos que o local é voltado para a comunidade, para que todas as pessoas possam usufruir de atividades como aula de capoeira e curso técnico de robótica gratuitos, além de ter salas reservadas especialmente para a preservação da memória do distrito de Antônio Pereira como, por exemplo, objetos que eram usados no garimpo, fragmentos de minério e painéis expositivos<sup>10</sup>.

Ao analisar tais painéis expositivos, percebe-se que a memória conservada está sendo contada pela lente do colonizador. Em nenhum registro é possível identificar a cosmovisão dos povos que antecederam o bandeirante Antônio Pereira,

---

<sup>10</sup>Os painéis são divididos em: a origem do distrito de Antônio Pereira; a romaria da Lapa; a visita de Dom Pedro II; a Matriz e as capelas; último dia de Feliciano Mendes; a Banda da Lapa; Jair Afonso Inácio; paixão pelo futebol.

ou das pessoas que foram escravizadas. Dessa forma, a narrativa do distrito reforça uma visão colonial e silencia outros sujeitos. Tal constatação acende o alerta de Chimamanda Ngozi Adichie (2009) sobre o perigo da história única em transformar uma narrativa em verdade absoluta. Ao contar a história do distrito de forma acrítica, é nítido ver a romantização e reforço de um discurso lido como oficial, mas que beneficia somente a figura do ocupacionista, colocando-o como ser heroico que fez boas ações. Para além do enfoque individualista e colonialista da formação do distrito, tais painéis buscam construir uma linha do tempo sem fraturas ou cortes dominada, desde o começo, pela ação heroica da colonização da terra, das riquezas e dos seres do lugar. Vale ressaltar que Marleth Deusdeth fez vários comentários a respeito da história do distrito, salientando que: *“Nós perdemos muito nossa cultura. Nós de Antônio Pereira não sabemos na verdade qual seria nosso prato típico. A única coisa que restou que conseguimos manter a tradição foi a Festa da Lapa. Com a vinda das mineradoras houve muito progresso na comunidade, mas veio toda a parte ruim, pois nós vimos através disso, nossa essência se perder”* (Marleth Deusdeth).

Após a chegada da mineração, o distrito de Antônio Pereira passou a ser rotulado como um lugar violento, além disso não havia treinamento para os recém-chegados e não havia segurança. Marleth recorda aqui das observações feitas por seu pai que, segundo informou, teria sido um dos primeiros funcionários da Samarco a trabalhar em uma multinacional de chinelo, pois não havia equipamentos de proteção básicos como uniforme, luvas e capacetes para a segurança dos funcionários. Findo o reconhecimento do espaço e os comentários da coordenadora teve início a entrevista com Dona Maria das Dores Queiroz que, provocada pela entrevistadora, lembrou da sua juventude ao trabalhar na mineração por 3 anos, pois havia a urgência de criar seus filhos e não teve outra opção a não ser o garimpo.

Tais relatos mostram a importância histórica, social e política da mineração como marcador capital da colonialidade operando na construção da memória dos moradores e moradoras nas relações entre si e com o lugar que habitam. Mesmo com a “modernização”, a população do distrito vivia em condições análogas à escravidão – logo os tempos mudaram, mas a relação de serventia das pessoas subalternizadas ainda continua valendo. Essa contradição, entre a promessa de modernização e o cotidiano precário do trabalho, evidencia o que Aníbal Quijano

(2005) chama de colonialidade do poder. Nesta direção, a coordenadora Marleth relata detalhadamente a influência da mineração no apagamento das suas origens:

*“Eles (mineradora) não entendem que eles tiraram nossa vida de lá, eu nasci lá. A casa da minha família era lá, e tinha um nome chamado carpau. A Samarco chegou, deu um dinheirinho para a família, a gente saiu. Meu pai saiu de lá e construiu aqui. Então assim, houve o progresso, mas deixaram marcas. Um cara (acredito ser funcionário da Samarco) virou e disse: ‘eu peço perdão’. Respondi: ‘seu perdão não apaga a mágoa que a gente carrega no nosso peito, isso não vamos esquecer nunca. Nós somos, entre aspas, a ‘senzala’ da vila Samarco, pois todas as mulheres trabalhavam praticamente como escravas lá.” (Marleth Deusdeth).*

Dona Maria das Dores completa a lembrança de Marleth: “Era meio salário-mínimo que a gente ganhava”.

Nesse sentido, a autodefinição da comunidade como senzala da Samarco reitera a ideia de que o colonialismo não é uma situação histórica superada, mas algo que mesmo com o processo de industrialização está aterrada no cerne da existência do corpo subalterno (KILOMBA, 2019).

No dia 29 de novembro, a presente pesquisadora e as (os) demais discentes do PIBID pertencentes ao núcleo coordenado pela professora supervisora Leticia Issene, estiveram presentes no distrito de Antônio Pereira na 1ª Feira Cultural Unificada de Antônio Pereira. O evento aconteceu na Escola Estadual “Professora Daura de Carvalho Neto” e tinha como tema central “O futuro é ancestral”. Envolvendo várias escolas do distrito, associações e o Centro Cultural. Dessa forma, a escolha do tema conversa diretamente com a obra do autor Ailton Krenak (2022). Nela, o autor ressalta que a ancestralidade não se configura como um passado morto, mas uma tecnologia de sobrevivência que retoma os saberes dos mais velhos para assim promover um presente e futuro conscientes.

O projeto nasceu da necessidade de fortalecer a cultura local do distrito, além de apresentar a sua importância à nova geração da comunidade de Antônio Pereira, ou seja, os jovens que compõem o corpo estudantil do distrito. A feira dialoga com o processo da produção do documentário, pois emerge enquanto um dispositivo potente que, além de questionar a base oficial da comunidade, reafirma o protagonismo tanto da cultura quanto do povo local. O evento, por fim, demonstrou mais uma vez resistência pela cultura local – uma vez que a mineradora “Vale”, se valendo da ocasião, inaugurou uma praça no mesmo dia do evento<sup>11</sup>, deste modo

---

<sup>11</sup>URL fonte da notícia: <<https://www.ouopreto.mg.gov.br/noticia/5225>>. Acesso em 11 Jan 2026.

buscando controlar o alcance do evento ao ressignificar sua presença no território como criadora de oportunidades e lazer.

Nessa inauguração foi distribuído lanches, pipocas e demais guloseimas para a comunidade de forma gratuita. Tal ação da empresa emerge enquanto instrumento de esvaziamento político que elucida uma tática em silenciar e impedir, mesmo que de forma indireta, a presença da população na feira. Foi pedido à “Vale” mudança da data da inauguração, uma vez que o público que estaria presente na feira poderia se direcionar para a inauguração e não prestigiar o evento pensado e executado por diversas mãos.

É importante ressaltar os desafios enfrentados na produção do evento, uma vez que a feira nasce com o intuito de reafirmar identidades. Além do descortinamento de uma narrativa que contempla somente a elite, certamente há boicotes. Diante de tantos desafios, é necessário múltiplas abordagens no enfrentamento à colonialidade e frente à situação mencionada, a professora Letícia conjuntamente às demais professoras decidiram dar pontos pela presença dos discentes na feira cultural. Tal episódio convida à reflexão sobre o quanto é necessário o educador ressignificar sua metodologia diante dos impasses que surgem, e esse comportamento combativo elucida o que Catherine Walsh (2013) denomina de “pedagogias decoloniais”, algo que consiste em práticas políticas pedagógicas que não se limitam somente a sala de aula, mas transformam e questionam a colonialidade ainda presente na educação.

Não se trata apenas na medição de forças para alimentar o ego, mas sim de uma atitude que se configura como resistência, além de quebra de um padrão que foi alimentado durante anos. É um momento de despertar, para de fato retomar forças, memórias e identidades que foram apagadas. No campo das ações concretas, a proposta inicial consistia na apresentação do *teaser* do documentário elaborado pelo quarteto de estagiários já mencionado, porém por questões logísticas, não foi possível apresentá-lo.

### **Considerações finais**

Aqui retomamos a questão central do trabalho sobre a colonialidade/decolonialidade das práticas narrativas locais (enfocando as que circulam até hoje no distrito de Antônio Pereira) e, especialmente, de que modo podemos confrontar as suas formas hegemônicas por meio de ações pedagógicas

críticas como, por exemplo, as que experimentei ao longo do estágio (do processo de elaboração e execução do documentário). Para tanto foi de fundamental importância a leitura da bibliografia crítica que acompanha meu raciocínio no texto como Ailton Krenak (2019-2022), Nego Bispo (2015-2023), Rubens Celestino (2025) e Leda Maria Martins (2021). Leituras que foram fundamentais para a construção do olhar crítico voltado à ação pedagógica vivenciada na Escola Estadual “Professora Daura de Carvalho Neto”. Dessa forma, buscamos apresentar e refletir se a produção do documentário pode ser considerada uma prática decolonial.

A literatura sobre a questão colonial é ampla e diversa e, no caso de nosso estudo, privilegamos os enfoques da bibliografia mais recente que, por sua vez, dialoga com o conceito de colonialidade, sobretudo enquanto caminho de entendimento do valor crítico da ação pedagógica desenvolvida em territórios explorados desde a colonização europeia do “novo mundo”. O que não encontramos registrado nas narrativas oficiais da formação do distrito (os livros de história consultados ao longo da pesquisa), o ponto de vista originário e ou afrodescendente, procuramos indiciar a partir das entrevistas. Entrevistas que revelam as mulheres moradoras como agências da memória e da resistência local evidenciando uma outra lógica territorial do distrito que não se resume ao heroísmo masculino da descoberta bandeirante. Nesse sentido, para Nego Bispo (2015-2023), a oralidade caracteriza-se como tecnologia ancestral que se enquadra no desenvolvimento do conhecimento. Sob essa ótica, a prática pedagógica, em sua maior parte, envolveu a ação da escuta ativa passada de forma geracional que faz com que o passado retorne para o presente e ressignifique o futuro em uma lógica compreendida de forma “*sankofiana*”<sup>12</sup>. Essa lógica sugere uma quebra de paradigma para além de uma educação instrumental, mas sim, como uma abordagem pedagógica marcada pelo viés decolonial.

A produção do documentário revelou uma outra forma de transmissão do saber local que passa muitas vezes ao largo das narrativas coloniais e, além disso, tensionam a ideia de um tempo linear e contínuo típico do progresso e da modernidade, prometido à comunidade pela mineração e pelos conquistadores

---

<sup>12</sup>A palavra *Sankofa*, que na verdade tem dois símbolos que a representam, um pássaro mítico e um coração estilizado, simboliza a volta para adquirir conhecimento do passado, a sabedoria e a busca da herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor. Acesso em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/sankofa-significado-desse-simbolo-africano/>>.

descendentes dos europeus. Podemos caracterizar essa forma de produção/transmissão do saber como um índice do funcionamento local do *tempo espiralar*<sup>13</sup>. Temporalidade que atravessa e entrelaça as memórias das mulheres entrevistadas ao território de seu pertencimento convidando à desmecanização<sup>14</sup> do seu corpo local. Nessas circunstâncias, adentramos na Escola Estadual “Daura de Carvalho” de forma consciente ao mediar as atividades propostas, sem agir de forma autoritária, além do desenvolvimento dos planos de aula de maneira horizontalizada com abertura para os discentes se sentirem confortáveis o suficiente durante a dinâmica, e aos poucos construir segurança e autonomia. A prática efetuada se afasta dos modelos convencionais bancários de ensino no qual os discentes são protagonistas de seus próprios processos em seu próprio território.

Diante desse cenário, a prática pedagógica condutora do documentário, que envolve arte e educação, emerge como um poderoso instrumento decolonial responsável por polir as arestas coloniais que permeiam as subjetividades dos discentes. Ao tratar da decolonialidade na arte, o documentário contribui de forma significativa para o desenvolvimento de práticas pedagógicas decoloniais, além de promover um olhar crítico nos estudantes ao propor o descortinamento do véu de invisibilidade que ainda cobre a identidade do distrito de Antônio Pereira e seus residentes.

A proposta audiovisual oportunizou uma produção de saberes a partir da percepção de vozes ancestrais do distrito de Antônio Pereira, vozes essas que emergiram como forma de reexistência. Ao distenderem a história oficial, não se tratou somente de registrar o passado, mas reafirmar através de práticas pedagógicas decoloniais na escola um território de memórias que podem ressignificar identidades, subjetividades e realidades. Pela análise empreendida, chega-se à conclusão de que o documentário produzido não só problematiza a realidade, mas aponta caminhos formativos, tanto do ponto de vista escolar, quanto na formação acadêmica.

---

<sup>13</sup>“Tempo espiralar” é o conceito desenvolvido pela professora Leda Maria Martins em seu livro *Performances do tempo espiralar*, poéticas do corpo tela.

<sup>14</sup>Esse conceito desenvolvido através de jogos teatrais por Augusto Boal propõe romper ações automáticas do corpo em que o corpo vai adquirindo no decorrer da vida social, que envolve opressão. A principal intenção é despertar o corpo e torná-lo mais consciente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. The danger of a single story. , 2009. Disponível em: <[https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_ngozi\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story)>. Acesso em 03 Fev. 2026.

CARVALHO, Flávio de. **O bailado do deus morto**. Organização e introdução de Rui Moreira Leite. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

CELESTINO, Rubens. **Teatro negro, memórias e narrativas orais quilombolas: desafios e possibilidades artístico-pedagógicas na escola**. São Paulo: Editora Dialética, 2025.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax utxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores**. Tradução: Beatriz Calil. São Paulo: GLAC Edições, 2021.

FERDINAND, Malcolm. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. Tradução de Letícia Mei. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papyrus, 2007.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

SANTOS, Antônio Bispo dos (Nego Bispo). **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora: Piseagrama, 2023.

SANTOS, Antônio Bispo dos (Nego Bispo). **Colonização, quilombos: modos e significações**. São Paulo: N-1 Edições, 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

**Transformar o amanhã hoje. Tem a ver com a Vale.**, 28 maio 2024. Disponível em: <<https://youtu.be/Gdzoe05p6cU>>. Acesso em 29 Jan. 2025.